

Meus caros Pais

30-3-913

Estes últimos tempos os dias tem-se passado sem nenhum acontecimento que valha a pena contar. Tem sido trabalhar na Escola desenhar na Calorossi e roubar algumas horas para tratar da parte mais maçadora das minhas estatuetas, pintá-las cozê-las, formá-las e fundi-las. Mandeí passar para bronze o grupo *Les éternels malheurs de l'amour* e uma que fiz como a de Lisboa, sentada em cima de uma mesa e alegre pelo champagne.

Devem-me mandar o presente da avó pelos anos porque tenho feito muitas despesas.

Como não tenho nada a contar, vou falar de impressões morais. Atravessei uma crise de indiferença, de falta de gosto por tudo, por todos, que esquecia trabalhando, mas que me impedia de me entusiasmar. Trabalhei muito, mesmo imenso, como um avaro que acumula quantias para gozar mais tarde; Eu para esquecer a crise de indiferença e ficar com alguma coisa de útil juntei trabalho. Felizmente que há uns 8 dias o meu optimismo triunfou da indiferença e é à música que devo tão grande favor. Ouvindo umas canções eslavas muito belas e um concerto magnífico de música de Beethoven, senti desenvolver no meu íntimo germens enérgicos e violentos que, protestando contra a minha indiferença, me fizeram achar a vida mais bela. Santa Música!!! Divina Arte!!!

No dia seguinte visitei os quadros e esculturas do Concurso Chevanard que estiveram em exposição e as raízes do optimismo que se desenvolveram no meu ser acharam terreno rico em alimento, tornando-se assim resistentes aos abalos exteriores. Em pintura havia uma meia dúzia de quadros todos bastante interessantes, mas o mais belo, o que mais bem me fez à alma, como um medicamento faz ao corpo, foi um que representa o *Declinar do Dia*, numa paisagem cortada por troncos que

corajosamente têm vivido em luta com o vento. Vê-se no primeiro plano um fauno que toca flauta e duas raparigas que o ouvem ao longe, uma ribeira e é tudo, mas há um enorme sentimento nesta simplicidade. Nós já sentimos, já vimos, já pensámos num canto do mundo como este, e o declinar do dia não é feito por sombras que se alongam, ao contrário, todo o quadro tem bastante luz e o sol ainda está alto, mas já se tem esta impressão tantas vezes sentida que o dia vai morrer e ela sai de toda a atmosfera do quadro. É uma bela obra de arte.

Em escultura havia uma bastante interessante *La forme qui se dégage de la matière*, representa um homem que se esforça por se separar de um bloco de mármore, não é um assunto banal e estava representado de uma forma bem escultural. No começo, as minhas impressões sobre arte estavam em desordem, agora com o tempo tudo se acalmou e, como as cores dissolvidas na água se sobrepõem umas às outras, assim pouco a pouco as minhas impressões poisaram, sobrepuseram-se, e resultou uma cor cinzenta que me tornou o espírito indiferente. É difícil para as criações artísticas, quase toda a pintura me parece banal, amaneirada, digna de oleografia ou para espantar o burguês. Agora o meu espírito exige da pintura em geral que ela traduza com intensidade um sentimento, um pensamento, mas que seja calmo que se exprima em toda a atmosfera dessa obra de arte e não seja só nas expressões e movimento. Quanto à pintura impressionista realista, cujos iniciadores são Manet, Degas, Renoir, etc. etc., cheguei à conclusão que é necessário que os assuntos sejam interpretados por um grande talento, porque se é um espírito mediano produz horrores.

Eles têm um grande valor porque foram os primeiros que lutaram com as formas académicas, renovaram as ideias, os processos, contudo não me atraem porque me parecem pouco elevados. Raramente se vê a realidade que parece imoral mas que faz ter horror ao vício. Em geral são assuntos banais, extremamente banais que, embora sejam admiravelmente sentidos, me não interessam, me não entusiasma.

Da escultura exijo que ela tenha qualquer coisa de grande, de imaterial, que se aproxima de uma faceta da imensa verdade do infinito. Infelizmente estou muito exigente e não sei se serei capaz de produzir obras que me satisfaçam. Numa correcção que fez Mr. Mercié, professor do atelier, sugeriu-me a ideia de um grupo, dizendo que a arte na vida actual não era nada, era simplesmente uns restos da grande arte da antiguidade e que hoje em dia só tinha razão de existir a ciência. Que um homem de ciência diga isto está muito bem, mas um artista é revoltante, fez-me impressão, pensei e cheguei à conclusão que, exceptuando um pequeno número para quem a arte não é um quadro bem pintado ou uma escultura bem polida mas um modo de compreender melhor o infinito, de se tornar mais perfeito de se aproximar da verdade não pela forma matemática e fria da ciência mas pelo indeciso sentimento, fora esse pequeno número, o resto da humanidade adora a ciência como um Deus, é o Deus moderno.

Certamente que a ciência tem um grande papel no mundo moderno, mas ela deve marchar de mãos dadas com a arte. Eu comparo a ciência e a arte com o homem e a mulher que se disputam qual é superior. Para mim não há superioridade, nem igualdade, nem inferioridade, há simplesmente papéis diferentes a desempenhar, ambos muito belos e que formam um todo ainda mais belo. Eu vendo o quadro que descrevo mais atrás, não compreendi melhor o fenómeno científico do declinar do dia, mas compreendi melhor a sua alma, e essa compreensão deu-me forças para resistir à monotonia da vida diária. Depois no meu cérebro pouco a pouco se formou a ideia de representar este estado actual da sociedade adorando unicamente a ciência e imaginei o seguinte. Uma enorme gruta escura onde se destaca um grande globo que um homem abraça com energia, em baixo a multidão em êxtase, em adoração. A gruta representa o escuro infinito onde o homem abraça a ciência, e a multidão em baixo, a humanidade.

Não tenho a certeza se já falei nos assuntos das minhas estatuetas para os Humoristas, na dúvida vou descrevê-los. Elas são como as estatuetas de Lisboa, não devem nenhuma influência a Paris, simplesmente como o espírito evoluciona e se

aperfeiçoa, elas evoluçionam e aperfeiçoam-se, são mais intelectuais e menos banais do que as suas irmãs do ano passado, têm um espírito mais observador, mais penetrante, umas representam usos e costumes pouco morais da nossa sociedade como *Les inconvénients d'un mariage mal assorti*, *Mère heureuse piège tendu* e *On aime les chiens mais on n'aime pas les enfants*, outras, criaturas pouco úteis na vida social como *Être chic c'est la seule qualité de cette femme*, *Qui n'a plus rien d'utile à faire promène les chiens* e *Ceux qui ont le temps de se promener* e outras ainda que oferecem contrastes da vida moderna, na *Fatiguée par la vie de souffrance* e *Fatiguée par la vie de plaisir*, a diferença de sofrimentos e cansaços de duas classes. Na *Très tôt on sent les inégalités sociales*, o desejo que uma criança pobre sente de possuir um brinquedo que só os ricos podem ter e, na *Caresse étrange*, a distância física e moral de duas criaturas e os restos de beleza feminina que conserva mesmo a alma mais depravada.

Agora já basta de impressões, vou responder à tua carta. Não estou tão magro como imaginas, qualquer dia peso-me e mando dizer. Recebi a carta do Germania. E fiquei contente que apreciasse os meus trabalhos.

Se quiseres mandar a *Vendendo-se* e os 2 bustos para a exposição, não tenho nenhuma dúvida. Quem organizou essa exposição? Quem expõe? Não sei nada do Manta, perguntei ao Lacerda mas ele não me respondeu, vou perguntar outra vez. Manda-me a lista dos vapores Faber Line a partir de 26 de Abril e dos vapores da Mala Real ingleses porque eu escrevo quando tiver tempo e, quando não puder, não escrevo. Vai nesta viagem um vestido para a Beatriz em cassa de lã às riscas, cor de cravo e preto, custou 1,75 f o metro vão 2 metros e meio. Comprei mais dois, um em risca branca, risca azul e com uma barra e outro com flores, estilo moderno, o primeiro debes receber juntamente com esta carta, os outros dois vão pelo Jacintho Gago que parte a 9 para a ilha pelo vapor da Mala Real. Comprei 3 em vez de um só, porque a cassa de lã é muito barata e muito bonita, também comprei 3 metros de renda de bilros que encontrei a 55 cêntimos, e 2 metros de entremeio a 40 cêntimos, é extremamente barato, se quiseres mais, manda dizer porque posso comprar ou levar

quando for, isto irá tudo junto pelo Jacintho. O vestido enramado talvez que seja muito vistoso para a Ilha, é moda aqui em Paris tecidos neste género, mas se a Beatriz não gostar guardem, que serve para fazer cochins ou enfeitar qualquer coisa.

Vão aqui junto as amostras, isto custou a mais 3 ou 4 francos do que me deste ordem de gastar, é o meu presente de anos para a Beatriz, e um grande abraço

Ernesto do Canto

Fiquei admirado das contribuições tão elevadas, deve haver algum engano, manda-me dizer quanto pagou a avó.

Vai um número de *L'Art décoratif* não tem sido muito interessante.